

Pacientes procuram médicos no interior do Estado do Rio

Júlio César Guimarães

ANGELINA NUNES e
PAULO ROBERTO ARAÚJO

A falta de estrutura na rede pública de saúde está provocando o êxodo de pacientes e médicos para o interior do estado, onde encontram melhores condições de atendimento e de trabalho. Viajar horas e enfrentar estradas nem sempre conservadas tem sido rotina para os que procuram as unidades de saúde em Itaperuna, Pirai, Petrópolis e Vassouras. Essa invasão provocou reação da direção da Santa Casa de Pirai, no sul do estado, que só atende paciente com atestado de residência. Na outra ponta do mapa, em Itaperuna, está o hospital São José do Avai, que só contrata médico que more em seu município.

Para o médico João Otávio Queiróz Araújo, de 37 anos, sair do Rio e fixar residência a 352 quilômetros foi uma opção profissional. Ele trocou dois empregos públicos, casa e consultório no Rio para trabalhar em Itaperuna. Além de manter o padrão financeiro, trabalhando apenas no hospital, sua escolha permitiu que ele aprimorasse a técnica na especialidade de cardiologia intervencionista e trabalhasse com equipamentos modernos — o que não estava conseguindo fazer na capital.

— Estamos trabalhando com o mesmo nível que São Paulo.



Pacientes no hospital São José de Avai, considerado modelo em Itaperuna

Aqui eu pude desenvolver meu potencial e ajudar um maior número de pessoas — afirmou.

O hospital São José do Avai é considerado de referência para cirurgias cardíacas. Os 350 leitos disponíveis são disputados por cariocas, mineiros, capixabas, paulistas e moradores de municípios do norte e noroeste. O diretor Renan Catarina Tinoco, de 56 anos, explica que são atendidos em média 27 mil doentes por mês no ambulatório. Por dia são realizadas de 25 a 30 cirurgias. O tempo de espera para uma cirur-

gia está em 20 dias, exceto as de emergência.

Com tantos atrativos, a procura de doentes aumentou em 10%, do ano retrasado para o ano passado. Há uma reforma em andamento para aumentar a capacidade em mais cem leitos e ampliar as instalações. A exigência de o médico morar no município faz com que o paciente tenha a certeza de ter o médico sempre à mão — uma espécie de plantão permanente. Além dos convênios com planos de saúde, o forte do hospital é o atendimento com o SUS, em torno de 80%.

Em Itaperuna, maioria dos doentes é de outros municípios

As estatísticas provam que, no ano passado, 60% dos 300 mil doentes que procuraram o hospital São José do Avai, passando por internações ou tratamento ambulatorial, são pessoas que moram fora do município. A maioria desses doentes faz parte da clientela dos médicos e não se incomoda em viajar muitos quilômetros e desfrutar de boa parte das mil Autorizações de Internação Hospitalar (AIH) do hospital. Ou seja, tem doente de fora usando AIH que poderia ser usufruída pelos pacientes locais.

O mineiro Jaber Magi, de 51 anos, pedreiro de profissão e cardíaco, ouviu o conselho de seu médico em Carangola e veio ao interior do Rio em busca de

exames nos sofisticados aparelhos do hospital São José do Avai. Ele mora em Farias Lemos, pequeno município que fica a meia hora de ônibus, e reconhece que não teria chances em seu estado natal. Do hospital, nunca ouvira falar, mas agora recomenda a todos.

Em sua enfermaria existem mais quatro pacientes. Todos de outros lugares: Niterói, São Gonçalo e Rio. A localização de Itaperuna, próxima a Minas e Espírito Santo, facilita o intercâmbio de doentes. Mas há quem venha de São Paulo e até Bahia. As grandes filas e o tempo de espera para exames e operações empurraram essas pessoas para o interior do Rio. Some-se a isso, é

claro, o trabalho qualificado desenvolvido pelos médicos do São José do Avai.

Mas além da invasão de pacientes, o sucesso do hospital vem interferindo no comércio local. A dona de casa Ivanir Martins, de 55 anos, previu há um ano e meio que os acompanhantes dos doentes de outros municípios precisavam de uma estadia próxima ao hospital. Com suas economias, ela construiu um prédio de três andares, instalando uma pensão nos dois últimos pavimentos. No térreo, ficaram uma lanchonete e uma loja de roupas, dirigidas pelos filhos. Foram abertos, também na mesma rua, duas farmácias, um bar e um trailer.

Cem quilômetros atrás de atendimento

“Internação só com atestado de residência — conta de água, luz ou telefone”. A placa com o aviso foi colocada no mês passado na entrada da Santa Casa de Pirai, a 130 quilômetros do Rio, para conter o fluxo de moradores da Baixada Fluminense que, cada vez mais, procuram os hospitais do interior. Entre os serviços mais procurados, estão as cirurgias eletivas (que não são de emergência).

Com a exigência, a Santa Casa só faz o atendimento se o paciente levar Autorização de Internação Hospitalar (AIH) da cidade de origem, já que o Sistema Único de Saúde (SUS) só destina para Pirai o valor correspondente a 250 AIHs.

As dificuldades para se conseguir uma simples consulta na Baixada estão levando os moradores de Caxias a procurar os hospitais de Petrópolis. Os de Japeri vão para o hospital da Faculdade de Medicina de Vassouras. Os de Nova Iguaçu, Itaguaí e São João de Meriti viajam mais de cem quilômetros para chegar à Santa Casa de Pirai ou ao Hospital da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda. Em Petrópolis, 40% dos pacientes atendidos nos hospitais públicos são de outros municípios.

Sem poder contar com a rede pública, os moradores da Baixada também não conseguem atendimento com facilidade nas casas de saúde particulares. Os planos de saúde pagaram em fevereiro CR\$ 7.800 por consulta. Já o SUS repassou aos hospitais apenas CR\$ 1 mil por consulta.

— Tentei ligar as trompas nos hospitais públicos da Baixada, mas não consegui sequer consultar um médico. Estive em quatro casas de saúde e me cobraram entre quatro e seis salários mínimos pelas cirurgias. Vou procurar um hospital do interior porque lá só vou pagar dois salários — disse Tânia Maria Ávila, de 37 anos, grávida de cinco meses, que está morando no bairro Juscelino, em Nova Iguaçu.

Em dia de pouco movimento seis cirurgias num plantão

Num dia pouco movimentado, o médico Nelson Gomes da Gama Filho atendeu a 30 pacientes no ambulatório e fez seis cirurgias na Santa Casa de Pirai. Ex-morador da Tijuca, o médico diz que a falência dos serviços públicos de saúde está invertendo o fluxo de pacientes, que antes saíam do interior para as grandes cidades e agora fazem o caminho inverso:

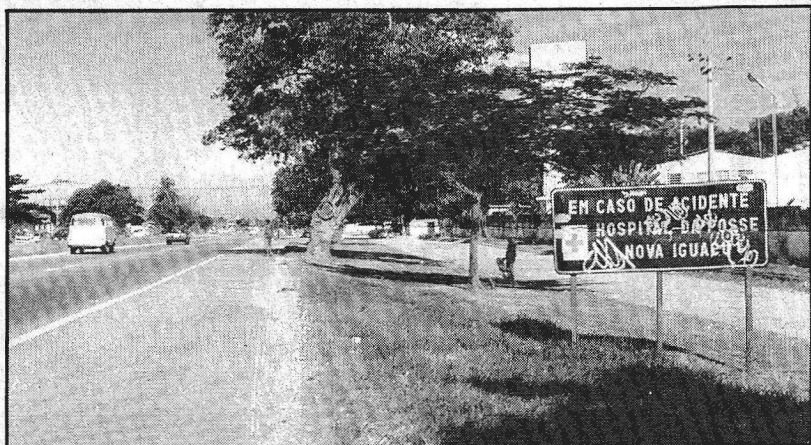
— Os hospitais particulares não querem nada com o Sistema Único de Saúde, enquanto aqui no interior 95 por cento dos pacientes que atendemos

não têm nenhum plano de saúde.

Pediatra e clínico, o médico Ricardo da Silva Augusto, de 37 anos, costuma atender até 90 pacientes num plantão de 24 horas na Santa Casa de Pirai. Além da dificuldade de atendimento, segundo ele, os pacientes residentes na Baixada Fluminense também reclamam da falta de especialistas, principalmente cirurgiões:

— Os meus clientes costumam dizer que, quando conseguem consultar um médico na Baixada, o atendimento é muito impessoal.

Júlio César Guimarães



Placa indica hospital cuja emergência está fechada há mais de um mês

Desinformação nas placas das estradas

Em caso de acidentes, nem sempre o melhor é procurar o hospital mais próximo indicado nas placas que o DNER mantém ao longo das estradas fluminenses. Desaparelhados e sem equipes médicas em condições de atender acidentados, muitos dos hospitais às margens das rodovias, quando muito, só dispõem de ambulâncias para transferir os pacientes. Com o fechamento da emergência do Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, e a precariedade do atendimento no Ge-

túlio Vargas, na Penha, as vítimas de acidentes nos primeiros cem quilômetros da Via Dutra só têm um destino: o Souza Aguiar. Os limitados recursos desses hospitais estão sendo levantados por uma comissão do Conselho Regional de Medicina, que pretende convencer o DNER a reformular a sinalização que indica o hospital mais próximo em caso de acidentes. Um hospital que se propõe a atender acidentados tem que ter, no mínimo, um banco de sangue.